

16º SEMIC

Seminário de Iniciação Científica de Pedagogia. Edição 2025
Centro Universitário FAI-UCEFF, Itapiranga, Santa Catarina.
ISSN 2359-554X

PEDAGOGIA FLORENÇA

Cristiane Gabriela Barbosa Moraes¹
Évily Adriane Leismann Santana¹
Kauany Luiza Wirth Birck¹
Fabiana Raquel Mühl²
Kurlan Frey²
Alexandra Franchini Raffaelli²

RESUMO

A Pedagogia Florença reconhece a primeiríssima infância como etapa decisiva do desenvolvimento humano, valorizando vínculos afetivos, autonomia e o brincar. A abordagem defende ambientes acolhedores, rotinas organizadas e práticas docentes sensíveis ao ritmo infantil. Com isso, promove experiências significativas que fortalecem o desenvolvimento integral e humanizado das crianças pequenas.

Palavras-chave: primeiríssima infância; afetividade; desenvolvimento integral.

1 INTRODUÇÃO

A pedagogia Florença educacional fundamentada em princípios filosóficos, pedagógicos e metodológicos que orientam educadores e familiares na parte de educar crianças pequenas, principalmente na faixa etária de 0 a 3 anos de idade. Essa abordagem valoriza o desenvolvimento integral da criança, considerando aspectos físicos, cognitivos, emocionais e sociais que se manifestam intensamente nos primeiros anos de vida (Hansen; Roger, 2017).

A etapa da primeiríssima infância é decisiva para a formação do ser humano, pois nela se constroem as bases fundamentais da aprendizagem e da personalidade. Pedagogos, pediatras, e neurocientistas, reconhecem que as experiências vividas nesse período influenciam diretamente o futuro do indivíduo e o desenvolvimento da sociedade. A criança, entre o nascimento e os três anos,

¹ Estudantes do curso de Pedagogia do Centro Universitário FAI. E-mail: uceffgabriela@gmail.com evilyleismannuceff@gmail.com kauanybirck@gmail.com

² Docentes do curso de Pedagogia do Centro Universitário FAI. E-mail: pedagogia@uceff.edu.br

aprende a falar, andar, pensar e se relacionar, revelando um potencial humano extraordinário o que exige cuidado e orientação adequados (Hansen; Roger, 2017).

Apesar dos avanços científicos, ainda há grandes desafios na formação de profissionais da educação infantil. Em muitos casos, os cursos superiores não preparam suficientemente os educadores para atuar com crianças pequenas, o que gera lacunas na prática pedagógica e na compreensão da importância dessa fase. É nesse contexto que a pedagogia Florença se destaca, ao propor um olhar sensível e profundo sobre a infância, pautando a respeito, na afetividade e na construção de um ambiente educativo acolhedor e estimulante. A origem dessa pedagogia está relacionada à vivência prática e à reflexão contínua de profissionais comprometidos com a educação infantil, culminando na criação do Colégio Florença. O espaço, que nasceu de um sonho simples, transformou-se em um ambiente onde as crianças são respeitadas em seu ritmo e individualidade, aprendendo de forma significativa e prazerosa (Hansen; Roger, 2017).

Dessa forma, este estudo tem como objetivo apresentar os fundamentos e princípios da Pedagogia Florença, demonstrando sua contribuição para a formação do ser humano na primeiríssima infância. Busca-se, assim, oferecer subsídios teóricos e práticos para que educadores e famílias compreendam a importância dessa abordagem e possam aplicá-la em seu cotidiano, colaborando para o desenvolvimento de uma educação mais humanizada e transformadora.

2 PEDAGOGIA FLORENÇA

A Pedagogia Florença apoia-se em fundamentos filosóficos, educativos e metodológicos que têm como objetivo orientar profissionais e familiares na complexa e sensível missão de educar crianças pequenas, especialmente aquelas que estão na faixa etária de zero a três anos. Essa proposta ressalta a necessidade de uma formação que considere o desenvolvimento integral da

criança e valorize cada etapa de seu percurso, reconhecendo esse período como essencial para a construção do indivíduo (Hansen; Roger, 2017).

O destaque dado aos três primeiros anos de vida não ocorre por acaso. Trata-se de uma fase marcada por grande flexibilidade neurológica e elevada sensibilidade às experiências vivenciadas no ambiente familiar e escolar. Diversos campos do conhecimento, como pedagogia, psicologia, neurociência, sociologia e até economia, têm demonstrado interesse crescente por essa etapa inicial, reconhecendo que a qualidade das interações e das vivências na primeira infância influencia diretamente o desenvolvimento emocional, cognitivo e social do ser humano (Hansen; Roger, 2017).

Entre zero e três anos, as mudanças pelas quais a criança passa são profundas e aceleradas. Em um intervalo de tempo relativamente curto, ela aprende a caminhar, comunicar-se, conviver com outras pessoas, adquirir autonomia e compreender gradualmente o mundo que a cerca. Pesquisas recentes mostram que, jamais na história, foi possível observar e analisar esse processo inicial com tanta precisão, graças ao avanço tecnológico e ao progresso das investigações científicas (Hansen; Roger, 2017).

Mesmo assim, percebe-se que o campo da educação infantil ainda enfrenta desafios significativos, principalmente no que diz respeito à formação de profissionais preparados para atuar de maneira adequada com crianças muito pequenas. Muitas instituições de ensino superior não oferecem a base teórica e metodológica necessária para que o futuro professor inicie sua prática com segurança e clareza. Isso revela uma distância entre o avanço das ciências do desenvolvimento humano e o ritmo de atualização das práticas pedagógicas (Hansen; Roger, 2017).

Refletir sobre a qualidade da educação infantil exige analisar quem realmente está formando os profissionais responsáveis por esse trabalho e de que modo essa preparação acontece. A falta de respostas objetivas ou a existência de respostas incoerentes dificulta a construção de políticas eficazes. A preocupação principal precisa estar voltada para o presente e o futuro das

crianças, que dependem diretamente de uma educação consciente, sensível e bem estruturada (Hansen; Roger, 2017).

Na prática cotidiana, a Pedagogia Florença surgiu da convivência diária com crianças pequenas, de observações atentas e de uma elaboração pedagógica baseada no respeito, no cuidado e na compreensão do ritmo individual de cada uma. Seu desenvolvimento nasceu da necessidade de criar ambientes educativos que realmente acolhessem a criança em sua totalidade, valorizando sua autonomia e oferecendo oportunidades reais de aprendizagem significativa.

Por esse motivo, um dos pilares dessa abordagem é a compreensão de que, nos primeiros anos de vida, a criança aprende essencialmente por meio da ação, da exploração e do movimento espontâneo. Essa perspectiva orienta práticas que incentivam a autonomia, a confiança e a descoberta livre, evitando intervenções excessivas ou estímulos aplicados de maneira inadequada (Hansen; Roger, 2017).

Até aproximadamente dois anos de idade, grande parte do tempo da criança deve ser dedicada às atividades práticas livres, pois por meio delas ela explora o ambiente, experimenta materiais e desenvolve habilidades fundamentais. Os responsáveis precisam organizar uma rotina considerando tempo e espaço, garantindo segurança e previsibilidade. Mesmo dentro dessa estrutura, a criança tem liberdade para escolher com o que deseja brincar, quais objetos pretende explorar e quanto tempo quer permanecer em cada experiência. Essa liberdade organizada favorece o desenvolvimento da autonomia, da concentração e da autoconfiança (Hansen; Roger, 2017).

Conforme avançam para a faixa de dois anos e meio a três anos, as crianças tornam-se mais maduras e começam a comunicar-se com mais clareza, expressando desejos, necessidades e opiniões de forma assertiva. Nesse momento, suas escolhas precisam ser ainda mais respeitadas, pois demonstram consciência de seus limites e maior compreensão das situações que vivenciam. Esse processo contribui não apenas para o desenvolvimento da linguagem, mas

também para a construção da identidade, da autoestima e das habilidades sociais (Hansen; Roger, 2017).

Emmi Pikler (1902) afirma que devemos ser conscientes da importância que reveste a educação do bebê e da criança pequena, da influência que esta educação terá sobre toda sua vida.

Quando falamos de um bebê ou de uma criança pequena, precisamos pensar primeiro no que é essencial. Nossos estudos e vivências mostram que essa essência está no que chamamos de “tranquilidade interna” da criança. A capacidade de sentir-se bem consigo mesma é a base para seu desenvolvimento, para a maturação de todos os processos e para toda a aprendizagem do ser humano desde cedo (Hansen; Roger, 2017).

A rotina e os rituais desempenham um papel essencial na construção de uma educação acolhedora e de qualidade. É por meio deles que o professor organiza o dia e define como determinadas experiências serão vivenciadas pelas crianças. Embora exista uma estrutura de planejamento, ela precisa ser adaptável e sensível às necessidades de cada grupo. Nesse contexto, como afirma Barbosa (2006, p. 35), “a rotina constitui uma categoria pedagógica planejada pelos profissionais da educação infantil com a finalidade de orientar o trabalho cotidiano”. A autora destaca que a rotina pode receber diferentes nomes, como horário, distribuição do tempo, sequência de ações, plano diário ou jornada.

Compreender a rotina significa interpretar como o tempo é organizado e em que ordem acontecem as atividades diárias, como momentos de alimentação, higiene, troca de roupas, brincadeiras livres, experiências ao ar livre e descanso. Cada um desses aspectos é analisado cuidadosamente para que se elabore uma rotina coerente com as particularidades de cada grupo.

Hansen (2019) reforça que a regularidade das rotinas e rituais favorece o bem-estar das crianças, pois representam a parte estável do dia em meio às inúmeras mudanças características da infância. A criança só consegue pensar, aprender e se desenvolver plenamente quando está em um ambiente que

oferece segurança, calma e previsibilidade. Em outras palavras, ao vivenciar uma rotina consistente, ela passa a se sentir mais segura, pois compreende o que acontece na escola e quando cada momento ocorre. A ausência de rotina gera ansiedade, insegurança e confusão sobre o que acontecerá em seguida.

Barros (2006) destaca que a importância da rotina na educação infantil está na sua capacidade de concretizar concepções de cuidado e educação, traduzindo o projeto pedagógico da instituição. Assim, a rotina não é apenas uma organização temporal, mas um reflexo das escolhas educativas e dos princípios adotados pelos profissionais.

Para planejar a rotina e os rituais de um grupo, é essencial conhecer profundamente cada criança, seus ritmos, características e necessidades. Com base nessas informações, define-se não apenas os ambientes que serão utilizados, como sala, pátio ou refeitório, mas também o tempo destinado a cada um deles, sempre com o objetivo de garantir conforto, segurança e desenvolvimento adequado (Hansen, 2019).

Segundo Hansen (2017) rotina representa um caminho seguro que sustenta o desenvolvimento infantil em cada fase da vida. Contudo, o autor ressalta que essa rotina não deve se transformar em um mecanismo inflexível e rígido. Ela deve servir como apoio, e não como forma de limitação. Assim, a rotina precisa atender às necessidades das crianças, e não o contrário.

O ritual, conforme Hansen (2017) consiste em um conjunto de ações repetidas diariamente. A repetição, nesse período da vida, é fundamental, pois ajuda a criança a entender o que está ocorrendo e a antecipar situações futuras. Barros (2006) complementa essa ideia ao explicar que rituais e rotinas são construções culturais, desenvolvidas e repetidas no cotidiano para organizar a vida. Da mesma forma que os adultos possuem hábitos diários, como escovar os dentes, trabalhar ou dormir, as crianças também necessitam desses marcos repetidos para se sentirem seguras ao longo do dia.

A previsibilidade torna-se, portanto, um elemento estruturante da primeira infância. Quando a criança reconhece a lógica dos acontecimentos e sabe o que

virá em seguida, sente-se mais tranquila para explorar, brincar, interagir e aprender. Hansen (2017) explica que, na prática, as crianças tendem a adotar comportamentos regulares, especialmente em relação ao tempo e ao espaço, o que lhes proporciona maior segurança em suas ações.

Dentro desse cenário, o ritual corresponde às práticas que acontecem sempre da mesma forma, como a música que antecede a leitura de histórias ou o gesto que indica o início de uma roda de conversa. Essas repetições ajudam a criança a compreender o significado de cada momento e a ajustar suas atitudes conforme o contexto.

O brincar é um dos pilares fundamentais da Educação Infantil. É por meio da exploração, da manipulação de objetos, das interações simbólicas e das vivências espontâneas que a criança aprende e compreende o mundo ao seu redor. Para que essas experiências sejam significativas, o educador precisa observar atentamente tanto as condições em que o brincar ocorre quanto os materiais disponibilizados (Hansen; Roger, 2017).

A brincadeira funciona como um espaço simbólico que permite à criança ensaiar situações presentes na vida cotidiana, como relações sociais, resolução de conflitos, cooperação e organização. Atividades de faz de conta, como brincar de casinha, estimulam o imaginário e contribuem para o desenvolvimento emocional, cognitivo e social (Hansen; Roger, 2017).

O brincar não deve ser entendido apenas como passatempo, pois representa a principal forma de atividade da criança. É brincando que ela se apropria do mundo, experimenta possibilidades, compreende regras, explora limites e desenvolve autonomia. Nessa dinâmica, ela descobre suas capacidades e aprende de maneira ativa e prazerosa, respeitando seu próprio ritmo (Hansen; Roger, 2017).

Cabe ao educador, portanto, criar oportunidades para que o brincar aconteça de forma livre e significativa, permitindo que cada criança escolha os materiais e as interações que deseja vivenciar.

16º SEMIC

Seminário de Iniciação Científica de Pedagogia. Edição 2025
Centro Universitário FAI-UCEFF, Itapiranga, Santa Catarina.
ISSN 2359-554X

Os brinquedos utilizados nesse processo são ferramentas importantes. Eles funcionam como objetos que ajudam a criança a experimentar situações da vida real. A escolha dos materiais deve considerar a fase do desenvolvimento e a intencionalidade pedagógica. Os brinquedos podem ser industrializados ou provenientes da natureza, classificados como estruturados e não estruturados.

Os materiais não estruturados incluem elementos como areia, folhas, galhos, água, grama, tecidos e pedras. Esses objetos permitem múltiplas interpretações e ampliam as possibilidades criativas, já que não possuem funções pré-determinadas. Quando as duas opções são oferecidas, costuma ser comum que as crianças optem pelos materiais naturais ou reutilizados, justamente pela liberdade que proporcionam (Hansen; Roger, 2017).

Já os brinquedos estruturados possuem formas definidas e funções mais determinadas, como bonecos, chocalhos, bolinhas, peças de encaixe e animais em miniatura. Mesmo assim, muitos deles são feitos de materiais naturais, como madeira, mantendo uma relação indireta com o meio ambiente.

Para crianças de zero a três anos, recomenda-se priorizar os materiais não estruturados, pois eles favorecem a imaginação e as primeiras descobertas. Antes mesmo de manipular objetos, essa faixa etária passa por um período essencial de reconhecimento corporal, razão pela qual o educador deve evitar interferir colocando brinquedos diretamente em suas mãos. A exploração precisa surgir de forma espontânea, no tempo da criança.

Outro ponto importante diz respeito à quantidade e à adequação dos brinquedos disponibilizados. A oferta insuficiente pode gerar conflitos, por isso é necessário avaliar se o número de materiais atende às necessidades do grupo, evitando disputas e garantindo que todas as crianças possam brincar de maneira tranquila e segura.

A autonomia é um aspecto fundamental no desenvolvimento infantil, pois permite que a criança confie em suas próprias capacidades e realize ações do dia a dia por iniciativa própria. Quando o adulto assume tarefas que a criança já

16º SEMIC

Seminário de Iniciação Científica de Pedagogia. Edição 2025
Centro Universitário FAI-UCEFF, Itapiranga, Santa Catarina.
ISSN 2359-554X

tem condições de executar, acaba limitando seu avanço e dificultando a construção dessa independência.

Para que a autonomia se desenvolva de forma saudável, é indispensável que a criança se sinta segura e acolhida. A confiança no adulto e o vínculo afetivo são fatores que a encorajam a tentar, explorar e adquirir novas habilidades sem medo de errar. Quando há segurança emocional, a criança se arrisca mais e amplia gradualmente suas conquistas.

Ainda assim, a intervenção do educador tem seu lugar. Em determinadas situações, o professor precisa conduzir atividades, apresentar novos desafios e ampliar o repertório das crianças. Essa atuação, porém, não deve anular a iniciativa infantil, mas complementar o processo, oferecendo suporte quando necessário e criando oportunidades para que a criança avance.

A intervenção equilibrada é aquela em que o adulto não faz pela criança, mas cria condições para que ela mesma consiga fazer. Isso inclui organizar o ambiente, propor desafios adequados, observar atentamente e intervir apenas quando for realmente preciso, sempre preservando o protagonismo da criança.

Assim, o educador assume o papel de mediador sensível: alguém que apoia, encoraja, acolhe e prepara o espaço, mas respeita o tempo e as tentativas da criança. Uma das formas mais eficazes de promover a autonomia é demonstrar confiança no potencial infantil e permitir que a criança experimente, erre, tente novamente e descubra suas próprias capacidades durante as atividades cotidianas.

A autonomia constitui um aspecto fundamental para oferecer às crianças uma educação acolhedora, significativa e centrada em suas necessidades. É por meio dela que surgem as primeiras vivências de escolha, responsabilidade e realização de atividades compatíveis com cada etapa do desenvolvimento.

Após serem questionadas sobre como esse processo acontece no dia a dia, a professora Camélia contou que ‘procuramos permitir que as crianças explorem os espaços e os materiais conforme seus interesses e demandas na

rotina. Observamos atentamente e fornecemos apoio visual, verbal e emocional, sempre privilegiando o protagonismo infantil nas ações.

Durante as observações, foi possível compreender que as crianças escolhem os brinquedos e outros objetos, conforme os seus interesses, sobre o que irá realizar com o objeto escolhido por eles. Apesar disso, essa liberdade existia com a organização de um grupo: mesmo que planejassem a vontade de ir a Paideia em outro momento, a visita acontecia no horário agendado para a turma toda. Entretanto, as brincadeiras que foram propostas e orientadas, houve a liberdade de escolha diante deles, se queriam participar, ou não.

Do mesmo jeito, a professora Jasmim relatou que ‘desde bem pequenas, as crianças são estimuladas a comer sozinhas. A professora está presente para auxiliar, mas a criança tenta, se suja, pega com a mão. Acredito que deve ser assim; elas precisam dessa liberdade para desenvolver sua autonomia, a gente incentiva, apoia e disponibiliza recursos para que consigam fazer’. Com os grupos com crianças de dois a três anos, já é notável que conseguem se servir sozinhas, escolher suas roupas e fazer algumas tarefas simples, assim acabam conhecendo os seus limites e as suas habilidades.

Um dos momentos mais marcantes, foi o momento que as crianças serviam sua própria comida na hora de comer a refeição. Era notável o brilho nos olhos dos pequenos que conseguiam realizar esta tarefa, que para nós é algo simples, para eles é algo gratificante, também era notável a satisfação de conseguir controlar o prato e também a quantidade. Esse cuidado vindo da parte das crianças, mostrava que a autonomia surge da confiança e da chance de tentar.

Na rotina de higiene pessoal, as crianças que já são maiores acabam colaborando mais com as professoras e, em muitos casos, já conseguiram realizar algumas coisas sozinhas, como lavar as mãos, escovar os dentes e arrumar os seus próprios bens. Essa perspectiva está alinhada à Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018, p. 56), que no campo Corpo, Gestos e Movimento destaca que as crianças devem “demonstrar autonomia em práticas

de higiene, alimentação, vestuário e cuidados pessoais, valorizando o próprio corpo”. Todos esses ensinamentos nos mostram que os ambientes, como o parque e a Paideia fortificam esse processo, pois manifestam o direito de escolha, de como brincar, com quem ela quer estar, e com quais experiências desejam viver. A presença de jogos, atividades, fantasia e imaginação de forma lúdica, enriquece o imaginário, o meio social e as novas formas de se expressar.

Esse princípio está no coração da Pedagogia Humanizada: assegurar que a criatividade na criança não seja interrompida, mas sim acolhida, nutrida e que se expanda cada vez mais. Entretanto, ao compreender o cotidiano da instituição e a atuação das professoras, se percebe que a autonomia não é vista como algo separado, mas como um processo constante, feito com cuidado e atenção, voltado para a necessidade de cada pessoa. Quando as habilidades individuais das crianças são valorizadas, oferecendo apoio e orientação, elas passam a ter a capacidade de fazer escolhas. Dessa forma, o ensino contribui para o crescimento completo da criança e com o tempo o torna o seu principal responsável pela sua aprendizagem. Essa visão não apenas apoia os fundamentos da Pedagogia Humanizadora, como também mostra que promover a autonomia própria, acima de tudo, acreditar no potencial de cada criança para se desenvolver, descobrir e construir o seu próprio caminho.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Pedagogia Florença mostra como os primeiros anos de vida são muito importantes para o desenvolvimento da criança. Essa proposta valoriza a observação, o cuidado e o respeito ao ritmo de cada uma, criando ambientes onde elas possam brincar, explorar e aprender com segurança.

Os relatos das professoras mostram que, quando o educador acompanha de perto, apoia e confia nas crianças, elas conseguem fazer mais coisas sozinhas, escolher o que querem e descobrir suas habilidades. Assim, a autonomia vai surgindo naturalmente, por meio das experiências do dia a dia.

16º SEMIC

Seminário de Iniciação Científica de Pedagogia. Edição 2025
Centro Universitário FAI-UCEFF, Itapiranga, Santa Catarina.
ISSN 2359-554X

No fim, a Pedagogia Florença não é só um jeito de ensinar, mas uma forma de olhar para a criança com sensibilidade e respeito. Ela lembra que rotina, carinho e oportunidades de brincar e explorar são essenciais para que cada criança cresça confiante, curiosa e capaz de construir seu próprio caminho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HANSEN, Roger. **Pedagogia Florença I: bases para a educação infantil de 0-3 anos**. Santa Catarina: do Autor, 2017.

MULLER, Kummer, Emily. **A Pedagogia Florença e a sua contribuição para a formação do ser humano na primeiríssima infância**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso – TCC (Licenciatura em Pedagogia) – Unidade Central de Educação FAI Faculdades – UCEFF, Centro Universitário FAI, Itapiranga/ SC, 2023.